

## A irritabilidade (*Reizbarkeit*) como característica distintiva do aparelho psíquico de Freud

João Paulo F. Barretta

E-mail: jpbarretta@hotmail.com

**Resumo:** De acordo com Freud, sua teoria do aparelho psíquico é um modelo da mente e não uma descrição real. Mas, como modelo, pressupõe uma certa concepção, ainda que provisória, da natureza do psiquismo; e pode, no seu conjunto, ser substituído por outros modelos, caso se demonstre sua insuficiência na explicação de certos fatos clínicos. Segundo Freud, o psiquismo funciona como um arco-reflexo e, portanto, age como uma substância irritável. Contudo, essa suposição a respeito da natureza do psiquismo é insuficiente para explicar certos fatos, notadamente os descobertos e reunidos por Freud em 1920 em torno do conceito de *compulsão à repetição*.

**Palavras-chave:** irritabilidade; arco-reflexo; aparelho psíquico; princípio do prazer.

**Abstract:** According to Freud, his theory of the psychic apparatus is a model of the mind and not a real description. But as a model it assumes a certain conception, although temporary, about the nature of the psychic and can be replaced in the whole by others if became demonstrated its inadequacy in the explanation of certain clinical facts. Following Freud mind functions as an arc-reflex and, therefore, acts like an irritable substance. Nevertheless, this supposition about mind's nature shows itself to be insufficient for the explanation of certain facts, those uncovered and grouped by Freud in 1920 under the concept of *Wiederholungszwang*. And instead of trying to replace the model for another, he saved it through the introduction of the problematic concept of *Todestrieb*.

**Key-words:** irritability; arc-reflex; psychic apparatus; pleasure principle.

## 1. Introdução

Assim como a psicologia científica moderna, a psicanálise também surgiu com base nas pesquisas da fisiologia do século XIX e nas teorias empiristas da mente, embora não tivesse como objeto de estudo os mesmos que a psicologia – a percepção, a consciência, a memória, etc. Seu objetivo primário não era nem mesmo teórico, mas prático: tratamento de pacientes neuróticos (psicologia aplicada). Para tanto, desenvolveu primeiramente um método de tratamento e, posteriormente, uma teoria das neuroses e do psiquismo em geral que fundamentasse esse método e explicasse os dados clínicos observados. Contudo, ao desenvolver essas teorias sobre o tratamento, a neurose e o psiquismo, Freud valeu-se, sem maiores reflexões, daqueles mesmos conceitos comuns à psicologia, à fisiologia e às filosofias empiristas da mente de sua época.

Além disso, a exigência epistemológica fundamental de sua teoria do aparelho psíquico determinava que esta formasse um todo sistemático, isto é, que os fatos descobertos na clínica e os conceitos introduzidos formassem uma estrutura, pela qual cada elemento ganharia inteligibilidade ao serem expostas suas correlações com os outros elementos, e que, como tal, deveria possuir uma unidade. Isso significa que conceitos heurísticos, sem referencial empírico, poderiam e deveriam ser introduzidos sempre que necessários para garantir a unidade e sistematicidade teórica.<sup>1</sup> Desse modo, a teoria freudiana do aparelho psíquico é uma “superestrutura especulativa”, que “pode ser abandonada ou modificada, sem perda ou pesar, momento em que a sua insuficiência tenha sido provada” (Freud 1925, p. 38).

Esse modelo freudiano do psiquismo poderia ser examinado criticamente com relação aos conceitos psicológicos e fisiológicos que utiliza sem maiores reflexões ou justificativas, ao pressuposto ontológico de que parte, à concepção de ciência pressuposta ou à sua adequação à tarefa que

---

<sup>1</sup> Cf. Fulgencio 2005.

se propõe – a de tornar racional certos fatos contingentes descobertos pela investigação clínica psicanalítica. De todas essas frentes, optaremos por identificar o traço distintivo, aquela determinação da natureza do psiquismo (pressuposto ontológico) que confere unidade ao modelo e que está subjacente também à sua teoria das neuroses e do método de tratamento, e, posteriormente, verificaremos em que medida esse ponto de partida é suficiente para explicar certas descobertas posteriores.

Para tanto, apresentaremos os elementos constituintes do aparelho psíquico, tal como caracterizado na primeira tópica (seção 2), verificaremos qual o conceito fundamental que está na base dessa teoria do psiquismo (seção 3) e indicaremos algumas descobertas clínicas decisivas que parecem não se encaixar na concepção de psiquismo pressuposta por Freud e as dificuldades por ele enfrentadas para solucionar esse quebra-cabeça (seção 4). Feito isso, a conclusão (seção 5) mostrará que Freud se manteve preso à concepção inicial do psiquismo, apesar do surgimento de novas descobertas que deveriam tê-lo levado, segundo seu próprio conselho, a abandonar esse modelo desde seus fundamentos e buscar um outro.

## 2. O aparelho psíquico na primeira tópica (cap. VII de *A interpretação dos sonhos*)

De acordo com Freud, o aparelho psíquico é um instrumento (*Instrument*) complexo, responsável pela execução de nossas funções anímicas (*Seelenleistungen*) como sonhar, julgar, recordar, etc. Complexo significa que possui mais de um componente, as “instâncias” ou “sistemas” que estabelecem certas relações entre si (passíveis de objetivação espacial para fins heurísticos).

O aparelho psíquico é composto de três partes e uma direção. As partes componentes são os sistemas perceptivo, mnemônico e motor; e a direção seria do primeiro para o último. A consciência, que será examinada

posteriormente, não constitui propriamente um sistema, ainda que esteja associada ao primeiro. Isso significa apenas que o aparelho psíquico possui um funcionamento independente dela e que a maior parte dos processos psíquicos acontecem sem que haja consciência deles.

O sistema perceptivo é o que torna possível a “entrada” de “signos perceptíveis” (*Wahrnehmungszeichen*), que serão posteriormente registrados na memória. Esses Wz consistem basicamente em excitações (*Erregungen*) dos órgãos dos sentidos causadas por estímulos (externos ou internos) e possuem, como tal, um caráter exclusivamente quantitativo. Por esse motivo, não são sensações (*Empfindungen*) propriamente ditas que possuem um caráter qualitativo. O termo sensação é de uso comum no século XIX e Freud parece utilizá-lo no seu sentido empírico usual de conteúdo sensível, matéria da percepção; exemplos de sensações poderiam ser: amarelo, amargo, prazeroso, etc.

Segundo Freud, essas qualidades ou sensações se originam na consciência.<sup>2</sup> Esta é concebida, por sua vez, como um órgão sensorial interno que percebe, não os estímulos externos (meras quantidades), mas qualidades psíquicas, sensações (*Empfindungen*).<sup>3</sup> Ela é concebida de maneira análoga à percepção externa, com a diferença de ter como objeto, não o mundo externo, mas o próprio aparelho psíquico: “O aparelho psíquico, que se volta para o mundo externo com seu órgão sensorial do sistema perceptivo, é, ele próprio, o mundo externo em relação ao órgão sensorial da consciência” (Freud 1900, pp. 620-1).

O sistema mnemônico, por sua vez, é o responsável pelo arquivamento dos signos sensíveis na forma de traços mnêmicos (*Erinnerungsspur*), que “transformam as excitações sensoriais momentâneas [Wz]

---

<sup>2</sup> “Lá [no mundo externo], segundo o parecer da nossa ciência natural, à qual também devemos submeter a psicologia aqui, só existem massas em movimento e nada mais” (Freud 1895, p. 401).

<sup>3</sup> Essa separação entre sensação e percepção permite reunir em uma mesma teoria dados de origens diferentes: a noção da realidade como quantidades em movimento, oriunda das ciências naturais (física e fisiologia), com os dados empíricos da consciência, as sensações.

do primeiro [sistema] em traços duradouros” (Freud 1900, p. 543). Esse sistema encontra-se a meio caminho entre o sistema perceptivo e o motor, e sua característica mais importante para o funcionamento do aparelho psíquico é conseguir operar sobre os traços mnêmicos através de associações e, com isso, alcançar diferentes destinos de descarga das excitações. Associar significa aqui a possibilidade de transmitir a excitação (*Erregung*) de uma *Vorstellung* A para uma outra, B, ao invés de realizar a sua descarga direta. Visto mais precisamente, na teoria da associação estão implícitas duas teses: de que é possível transmitir a excitação de uma *Vorstellung* para outra; de que essa transmissão não é caótica, mas segue certas leis – as leis da associação de idéias.

A primeira tese é introduzida em 1894 como hipótese de trabalho, para se poder explicar a formação do sintoma histérico com base em lembranças traumáticas antigas e esquecidas. A segunda tese, porém, introduz uma novidade importante, tanto pelo que afirma quanto pelo que não afirma: segundo ela, o aparelho psíquico, responsável por todos os processos psíquicos, só possui a “associação” como forma de trabalhar. Isso significa que pensamentos, sonhos, chistes, etc. devem ser explicados por ela. Para isso, Freud irá conceber diferentes formas de associação como única maneira de explicar os diferentes processos psíquicos, e atribuir a cada forma um sistema mnemônico distinto.

Assim como o sistema perceptivo, também a memória trabalha independentemente da consciência. Mas as sensações, que têm sua origem na consciência e que podem se vincular às excitações advindas do sistema perceptivo, não o podem com relação às do sistema mnemônico.<sup>4</sup> Isso significa que não se tem a sensação de algo que se recorda: o azul, do céu

<sup>4</sup> Essa diferença é necessária para que o aparelho psíquico possa realizar o “teste de realidade”, que consiste em verificar se uma certa representação mental é real, isto é, oriunda da percepção mental ou alucinada, isto é, oriunda da memória. E o “teste de realidade”, por sua vez, é necessário, uma vez que o psiquismo, movido pela sua tendência fundamental de eliminar o excesso de excitação, tenderia a ficar alucinando a representação mental associada à vivência de satisfação e não sobreviveria.

azul visto, é diferente do azul, do céu azul lembrado. Um é nítido, real, o outro não.

Freud não é claro sobre o que seriam traços de memória ou imagens mentais sem sensações, ou o que a consciência percebe quando ocorre uma recordação. Da mesma forma, fica-se sem saber ao certo o que seriam pensamentos (*Gedanken*) e pensamentos inconscientes, mas, aparentemente, pode-se concebê-los como um conjunto de imagens mentais (idéias, no sentido empirista), sem qualidades sensoriais (simples processos excitatórios), associadas entre si. E como a associação ocorre no sistema mnemônico, o pensamento é um processo mental que ocorre na memória.

Esses complexos de idéias (os pensamentos) podem ou não se tornar conscientes. Isso dependerá de certas condições: que eles atinjam certo grau de intensidade e/ou que a função da atenção esteja distribuída de uma certa maneira. A atenção pode ser entendida aqui como sinônimo de consciência. A tese implícita a essas condições é a da existência de um “limiar de consciência” e de que, para que um processo psíquico atinja esse limiar, é uma questão de intensidade e atenção, que estariam ainda em uma relação complementar: quanto maior uma delas for, menor a outra precisará ser.

Existiriam ainda dois tipos de pensamentos inconscientes – os que podem e os que não podem se tornar conscientes. Os primeiros seriam pré-conscientes e os últimos inconscientes. A diferença fundamental entre eles se deve ao fato de serem arquivados em sistemas mnemônicos distintos e, portanto, estarem organizados (associados) de maneiras distintas. No inconsciente, encontram-se fundamentalmente pensamentos de desejo. Desejo é uma moção ou movimento (*Regung*) psíquico que busca reinvestir, reexcitar, a imagem mnêmica oriunda da percepção associada à vivência de satisfação. O reaparecimento dessa imagem mnêmica (através da percepção ou da alucinação) é a realização do desejo. E esse pensamento de desejo é a mais primitiva atividade do aparelho psíquico.

A primazia do desejo como atividade primitiva do aparelho psíquico deve-se à tendência geral, à direção, que as excitações ou estímulos seguem nos processos psíquicos. Essa direção ou tendência é introduzida como um princípio fundamental do funcionamento mental como um todo e, portanto, determinante de todas as atividades psíquicas: “A primeira coisa a nos saltar aos olhos é que esse aparelho, composto de sistemas-psi, tem um sentido ou direção (*Richtung*). Toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos ou externos) e termina em inervações” (Freud 1900, p. 542).

O termo “inervações” refere-se basicamente à descarga de quantidades de excitação através de sua transmissão para o sistema motor.<sup>5</sup> Esse sistema é responsável pelo movimento corporal e, portanto, este é concebido como descarga de estímulo.

O elemento fundamental da elaboração teórica de Freud sobre o psiquismo, a respeito do qual voltaremos posteriormente, é a concepção de que “o aparelho psíquico deve construir-se como um aparelho reflexo” e que “os processos reflexos continuam a ser o modelo de todas as funções psíquicas” (Freud 1900, p. 543), assim como o são dos movimentos em geral.

Isso é suficiente para se analisar a característica distintiva, o pressuposto ontológico da teoria freudiana do psiquismo.

### 3. A característica essencial do aparelho psíquico freudiano: a *Reizbarkeit*

A teoria do aparelho psíquico é a versão mais desenvolvida das elaborações freudianas sobre o psiquismo em geral, e suas descobertas clínicas posteriores serão elaboradas teoricamente com os mesmos

---

<sup>5</sup> Há ainda a possibilidade de descarga das excitações através da associação de uma representação mental com outras, de maneira que a quantidade de excitação de espalha.

recursos conceituais aqui apresentados. Desse modo, o que é pressuposto aqui também o é nas teorias que se desenvolveram com base nesta.

Dos elementos apresentados por Freud na sua teoria do aparelho psíquico, destacam-se os três sistemas psíquicos (perceptivo, mnemônico e motor), a direção do psiquismo e a divisão da mente em consciente, pré-consciente e inconsciente.

O pré-consciente e o inconsciente são instâncias ligadas à memória das impressões passadas, e o consciente à “observação interna”, quer das impressões sensoriais atuais, quer das impressões passadas. Todas as impressões que atravessam o aparelho psíquico, ou melhor, tudo com o que o aparelho psíquico lida, têm a mesma natureza: excitações quantitativamente determinadas, até que recebam, na consciência, características qualitativas e, em especial, a distinção entre prazer e desprazer. Essas excitações têm sua origem fora do aparelho psíquico, isto é, são causadas em nós pelo mundo ou por nosso próprio organismo, tal como estes são descritos pela física e pela fisiologia. Ao mesmo tempo, uma vez que essas excitações adentram o aparelho psíquico, elas caminham no sentido da descarga, já que o psiquismo é concebido como um aparelho reflexo.

Portanto, pode-se dizer que o aparelho psíquico se caracteriza fundamentalmente por duas atividades: a recepção de estímulos externos e sua descarga (processo mental primário). A memória, bem como seus diferentes sistemas (o inconsciente, o pré-consciente, etc.), seria secundária e oriunda da necessidade de se manter uma tensão mínima para fins de sobrevivência do organismo, de modo que não é neste último que se poderia encontrar a característica fundamental do aparelho psíquico. Essa característica distintiva, que reúne em si as duas atividades primordiais do aparelho psíquico (recepção e descarga de estímulos passíveis de mensuração), é a “irritabilidade” (*Reizbarkeit*).

Esse conceito é oriundo da fisiologia do século XIX, empregado de início por diversos autores, entre eles Johannes Müller, para determinar a característica distintiva dos organismos vivos diante da natureza inorgânica. Irritável é aquele organismo (ser vivo) que é afetado, não apenas por

forças mecânicas, mas por estímulos aos quais ele reage, não no sentido da reação mecânica de um corpo atingido por outro, mas no de “livrar-se” do estímulo, primordialmente pela fuga ou pela descarga<sup>6</sup> (secundariamente por uma ação específica). Ambas as reações (fuga e descarga) sendo concebidas como movimentos reflexos. Esse movimento permite constatar a irritabilidade e é esta (a irritabilidade) que o torna possível. Em seu *Projeto para uma psicologia científica*, Freud diz:

O movimento reflexo torna-se compreensível agora como uma forma estabelecida de efetuar essa descarga: a origem da ação fornece o motivo para o movimento reflexo. Se retrocedermos ainda mais, poderemos, em primeira instância, vincular o sistema nervoso, como herdeiro da irritabilidade [*Reizbarkeit*] geral do protoplasma, com a superfície externa irritável [*reizbar*]. (Freud 1895, p. 348)

Desse modo, o que Freud fez foi estender os conceitos de movimento reflexo e irritabilidade, já empregados no século XIX com relação aos organismos vivos, para caracterizar o psiquismo.

Essa concepção do psiquismo influenciada pela fisiologia do século XIX está na base, tanto da teoria da ab-reação, quanto da postulação do desejo como atividade fundamental do psiquismo, assim como da construção auxiliar dos deslocamentos de quantidades de energia de uma representação mental para outra ou da memória e seus diferentes registros mnemônicos. Ou seja, está na base, tanto da elaboração conceitual dos dados clínicos, quanto da elaboração metapsicológica do aparelho psíquico.

<sup>6</sup> Na realidade, há uma série de concepções e modificações que esse conceito sofreu na fisiologia do século XIX, como a distinção entre os seres orgânicos e inorgânicos, e, em particular, as disputas entre vitalistas e materialistas mecanicistas, entre os quais se situam Helmholtz, Brücke, DuBois-Raymond e outros, todos com influência direta sobre Freud. O esclarecimento dos conceitos de *Reiz* e *Reizbarkeit* assim como da concepção freudiana desse conceito serão realizados em trabalhos futuros.

#### 4. Os problemas clínicos enfrentados pelo modelo de 1900 e a solução freudiana

Dentre os vários problemas enfrentados por Freud após 1900, um deles é de fundamental importância para a revisão radical do modelo freudiano do psiquismo. Como foi visto anteriormente, a característica fundamental do aparelho psíquico é que ele deve ser concebido como uma substância irritável cujo modelo de ação é o arco-reflexo. Esse procedimento de descarga de excitação é experimentado subjetivamente (através da consciência) como prazer, daí o chamado princípio do prazer.<sup>7</sup>

De início, Freud ateve-se à hipótese de que a excitação traumática era exógena, vinda de fora para dentro do organismo através da percepção. Contudo, com a descoberta da onipresença da sexualidade, Freud viu-se obrigado a reformular sua teoria do trauma, substituindo-a pela da fantasia e atribuindo às pulsões a fonte da excitação traumática.<sup>8</sup>

Desse modo, o esquema freudiano inicial da neurose é modificado, mas não sua concepção de psiquismo e, na verdade, o próprio conceito de pulsão é desenvolvido pelos mesmos conceitos já presentes

---

<sup>7</sup> O princípio de realidade seria derivado do princípio de prazer, na medida em que a manutenção de uma certa quantidade de energia psíquica é necessária para a obtenção de prazer real e que o teste de realidade é fruto da exigência de satisfação. Sobre isso, Freud diz: "Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Esse último princípio não abandona a intenção de, fundamentalmente, obter prazer; não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer". E mais à frente: "contudo, no que concerne ao restante, pode-se afirmar com certa justificativa que sua presença não contradiz a dominância do princípio de prazer" (Freud 1920, pp. 20-21).

<sup>8</sup> "Devo primeiramente esclarecer, repetindo o que já disse em outras publicações, que essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. Não quero dizer com isso apenas que a energia da pulsão sexual faz uma contribuição para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), e sim asseverar expressamente que essa contribuição é a única fonte energética constante da neurose e a mais importante de todas" (Freud 1905, p. 155).

em sua teoria do aparelho psíquico. De acordo com Freud, a pulsão é um estímulo (*Reiz*): “Qual a relação da ‘pulsão’ com o ‘estímulo’? Nada existe que nos impeça de subordinar o conceito de ‘pulsão’ ao de ‘estímulo’ e de afirmar que uma pulsão é um estímulo aplicado à mente” (Freud 1915, p. 124). Mas um estímulo com três características próprias: tem origem em fontes internas de estimulação, surge como uma força constante e a fuga é ineficaz contra eles.

Sendo assim, a teoria freudiana da sexualidade (pulsões) é pensada com base nos mesmos conceitos – estímulo e “estimulabilidade” (*Reizbarkeit*) do psiquismo – com os quais elaborou sua teoria (especulativa) do aparelho psíquico. Contudo, com o progresso das investigações psicanalíticas, Freud depara-se com dados clínicos que parecem ir na contramão desse postulado fundamental sobre o funcionamento do aparelho psíquico:

Se levarmos em consideração observações como essas, baseadas no comportamento, na transferência e nos destinos de homens e mulheres, não só encontraremos coragem para supor que existe realmente na mente uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer, como também ficaremos agora inclinados a relacionar com essa compulsão os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas e o impulso que leva as crianças a brincar. (Freud 1920, p. 33)

Diante da evidência clínica da compulsão à repetição que parece desprezar o princípio de prazer, Freud teria duas alternativas: fazer uma revisão de sua tese do princípio diretor do psiquismo, isto é, a tese de que o psiquismo funciona como um arco-reflexo e, portanto, da própria concepção de psiquismo como uma substância irritável, ou tentar harmonizar a compulsão à repetição com sua teoria do psiquismo. Ele optou por esta última. Sua estratégia para tentar reunir esses dois pontos é tratar a compulsão à repetição como a manifestação de uma pulsão de morte, opor a pulsão de morte à pulsão de vida e subsumir ambas sob o imperativo da diminuição da tensão, o Princípio do Nirvana, que seria

uma extensão do princípio do prazer a ponto de caber nele também a aniquilação da vida:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos (o “princípio do Nirvana”, para tomar de empréstimo uma expressão de Bárbara Low [1920, 73]), tendência que encontra expressão no princípio de prazer, e o reconhecimento desse fato constitui uma de nossas mais fortes razões para acreditar na existência dos instintos de morte. (Freud 1920, p. 66)

Dois pontos são problemáticos na estratégia freudiana: 1) a hipótese especulativa e pouco convincente de que a compulsão à repetição é fruto de uma pulsão de morte; 2) que a pulsão de morte possa ser integrada ao conceito inicial da tendência à diminuição da tensão (modelo do psiquismo como arco-reflexo), o princípio do prazer,<sup>9</sup> uma vez que ela surge para explicar a compulsão à repetição que justamente parece ir contra esse princípio.

Ou seja, ou a pulsão de morte trabalha no sentido de aniquilar a vida e, portanto, toda a tensão – nesse caso, continua prevalecendo o princípio diretor do psiquismo (tendência à descarga de excitação), de modo que a repetição seria uma forma de obter o prazer máximo (a morte) –, ou a pulsão de morte trabalha no sentido de gerar desprazer, excitação – nesse caso, haveria uma tendência no psiquismo ao acúmulo de excitação, o que iria contra a tese do psiquismo como arco-reflexo. Freud parece introduzir um conceito ambíguo e contraditório, a pulsão de morte, para “resolver” essa disjunção: a pulsão de morte é uma pulsão e, portanto, um estímulo, mas um estímulo que não tende a ser descarregado e sim acumulado, gerando desprazer. Só que esse acúmulo de desprazer visa à morte, isto é, à aniquilação de toda tensão e, portanto, o prazer.

<sup>9</sup> Cf. Freud: “O princípio de prazer parece, na realidade, servir aos instintos de morte” (Freud 1920, p. 74).

Com esse recurso, Freud consegue manter seu modelo inicial. O psiquismo continua lidando apenas com estímulos, uma vez que ambas as pulsões são estímulos, e sua tendência geral continua sendo a eliminação da tensão.

## 5. Conclusão

O desenvolvimento da teoria freudiana das neuroses e do psiquismo, e suas descobertas posteriores, encaixam-se no mesmo caso da fisiologia e psicologia analisado por Merleau-Ponty:<sup>10</sup> os resultados da pesquisa psicanalítica parecem refutar seus pressupostos e, ao invés de se proceder a uma revisão destes, segue-se incluindo adendos, novos postulados, muitas vezes contraditórios com outros e com a própria experiência; isso para se salvar um modelo que, a princípio, tinha sido apresentado como provisório.

Uma alternativa poderia ser, como o fizeram alguns analistas pós-freudianos, a revisão do princípio diretor dos processos psíquicos e, com isso, da própria concepção de psiquismo. Essa via parece ter sido conscientemente adotada por Lacan e Winnicott.

Além dessa crítica dos pressupostos ontológicos de uma teoria por sua insuficiência na organização do material (empírico) obtido pela investigação clínica, poder-se-ia, ainda, de acordo com a fenomenologia, criticar esse conceito fundamental da psicanálise freudiana, a irritabilidade (*Reizbarkeit*), diretamente. Essa será a direção que procuraremos adotar em trabalhos posteriores.

---

<sup>10</sup> Merleau-Ponty 1942 e 1945.

## Referências

- Fulgencio, Leopoldo 2005: "Freud's Metapsychological speculations".  
*International Journal of Psychoanalysis*, v. 86, pp. 99-123.
- Freud, Sigmund 1895: *Entwurf einer Psychologie*. GW Nachtragsband.  
Frankfurt, Fischer, 1999.
- \_\_\_\_ 1900: *Die Traumdeutung*. GW II/III. Frankfurt, Fischer, 1999.
- \_\_\_\_ 1905: *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. GW V. Frankfurt, Fischer,  
1999.
- \_\_\_\_ 1915: *Triebe und Triebchicksale*. GW X. Frankfurt, Fischer, 1999.
- \_\_\_\_ 1920: *Jenseits der Lustprinzip*. GW XIII. Frankfurt, Fischer, 1999.
- \_\_\_\_ 1925: *Selbstdarstellung*. GW XIV. Frankfurt, Fischer, 1999.
- Merleau-Ponty, Maurice 1942: *La structure du comportement*. Paris, Presses  
Universitaires de France.
- \_\_\_\_ 1945: *Phénoménologie de la perception*. Paris, Gallimard. Tradução  
brasileira: Fenomenologia da percepção. 2 ed. São Paulo, Martins  
Fontes, 1999.